

obtenha o repouso e não queira vir para cá antes do justo momento certo. Não admita que a senhora ou eu conseguíssemos mudar a situação. Voltei na hora justa, quando minhas energias de resistência estavam terminadas e se isso aconteceu junto de nossa querida Aída, é porque assim era necessário. Ore, mamãe. Ajude-me com as suas preces. Procure ver-me em seu pensamento, alegre e sossegada, para que eu me faça tranqüila e calma. Prometo-lhe que estaremos mais juntas, logo que a senhora se acalmar. Não perca tempo, forçando situações para encurtar os seus dias na Terra. Alimente-se. Repouse. Viva a existência abençoada que Deus lhe concedeu. Recorde que a senhora tem responsabilidades com o papai e com os meninos. Tio Paulo e o Francisquinho estão aqui comigo e rogam a Jesus abençoar-nos. Tranqüilize o seu coração, mais uma vez lhe peço. As suas visões e as minhas — aquelas visões dos cães de caça e agora da casa atormentada que a senhora costuma ver, são quadros de nossa existência passada, referentes ao drama de que nos restou a dívida de saudade e distância que hoje resgatamos. Mãezinha, estude as leis do espírito eterno, estejamos unidas na caridade ao próximo e esperemos. Transforme a sua vida espiritual, abraçando pensamentos novos. Trabalhe pelos outros, mas não pouco. Faça o que puder para ajudar aos outros, não só com as sobras de tempo, dinheiro, vantagens ou recursos. Trabalhe com a sua aflição, com a sua necessidade, com a sua prova, com a sua dor. Aí na Terra costumamos servir tão-somente com o supérfluo de nossos recursos, mas a vida exige mais, se quisermos atingir a felicidade verdadeira, e sorria, mamãe, para as estradas do mundo. A sombra passa. A luz fica. Procuremos a luz, sempre mais luz. Está comigo aqui igualmente, nossa irmã tia Helena César que me solicita dizer à sua irmã tia Geralda do reconhecimento que lhe deve, extensivamente à sua irmã Francisca e promete ajudá-las na condução das crianças que lhes deixou sob os cuidados. Confiemos em Deus. Ninguém morre. E, ao seu lado, mais viva que nunca, roga a Deus por sua saúde e felicidade, a filha saudosa que tudo lhe deve

HELOÍSA

DEPOIMENTO DE ARGEMIRO ACAYABA DE TOLEDO (*)

A DOCE MENSAGEM DE UM MENINO QUE SOUBE MORRER

Um dos benefícios que o Espiritismo vem trazendo à Humanidade é ensiná-la a saber morrer; e saber comportar-se, na Terra, em face da perda de um ente querido. A carta que transcrevemos mostra essas duas situações. O seu subscritor, um dos vitimados no desastre do Rio Turvo, em 24 de agosto último, pela compreensão dos postulados espíritas, soube como proceder no instante em que percebeu o seu naufrágio: ergueu o pensamento a Deus e entregou-se aos seus guias, que o transportaram a um hospital, onde permanece, tal como se estivesse ainda encarnado e se salvasse de um desastre. Aliás, o Espiritismo é a única doutrina que encara o Além dessa maneira, diferentemente de qualquer outra crença reencarnacionista, e, nessa desbravagem da vida futura, não trabalha com hipóteses abstratas, sem esteio na realidade, mas formula-as depois de longa observação dos fatos. E é a seqüência e uniformidade das comunicações mediúnicas que têm servido de campo experimental. Por outro lado, a missiva mostra que a desesperação dos familiares, na Terra, em lugar de beneficiar, prejudica o desencarnado, porque fá-lo, numa interpretação psíquica, sentir as agruras que o afligiram no instante mesmo da libertação do veículo físico. É preciso que os pais, se quiserem ajudar ao filho, façam caridade, trabalhem, esforcem-se, dêem de si aos outros; só assim ficam ligados ao ente desencarnado. O suicídio, por exemplo, em vez de unir, separa-os; e suicidar-se não é apenas desligar-se abruptamen-

(*) In Nelson Castro, «Eram 59 — Coletânea de Artigos escritos sobre a tragédia do Rio Turvo», São José do Rio Preto, Irmãos Boso — Editores e Livreiros, Catanduva, Est. de São Paulo, 1960, págs. 80-82. ARGEMIRO ACAYABA DE TOLEDO — res-
ta jornalista e escritor de São José do Rio Preto, Est. de São Paulo.

te da vida, mas comportar-se de modo que vá abreviado, de qualquer maneira, o dia próprio da morte física.

Por isso, a carta abaixo é publicada; os que nela não crerem, lê-la-ão tão-só como obra literária; os espíritas, porém, terão o seu bálsamo, porque todos nós somos sacudidos, diàriamente, pelas nossas dores, que não herdamos de nossos antepassados, mas de nós mesmos, em outras encarnações. "Cada um é filho de si mesmo", já se disse.

A progenitora de William quis ir a Uberaba, onde reside o médium Francisco Cândido Xavier. Na sua simplicidade, Chico Xavier, vendo na fila dos que, semanalmente, o procuram, chamou-a e, mesmo sem troca de qualquer impressão, disse-lhe que sabia a que vinha e escreveu a carta, pela via mediúnica. Cuida ela de pormenores que só mesmo quem conhecesse a família saberia. Daí a sua autenticidade. É verdade que os incrédulos sorrirão na sua alta sabedoria e dirão que Chico já fôra avisado; mas o certo é que Chico Xavier está lá em Uberaba e são tantas as situações idênticas que teria êle que ser um super-homem para conhecer tantas particularidades de tôdas as partes do Brasil. E isso sem ter uma única pessoa a assessorá-lo. Portanto, quem descrê da mediunidade de Chico Xavier fá-lo um ente superior pela presciência; mas o Espiritismo não endeusa ninguém. Chico não é um presciente; é um médium apenas e o que escreve vem do alto e tem a segurança das coisas inatacáveis, como está sucedendo ao seu labor espírita, até hoje não desmascarado por ninguém porque produto da sua consciência íntegra e da honestidade de seu propósito.

Eis a carta:

Querida mamãe, pelo seu carinho me abençoe.

Estou presente, rogando à senhora me ajude com a sua paciência. Tenho sofrido mais com as lágrimas da senhora do que mesmo com a libertação do corpo... Isso, mamãe, porque a sua dor me prende à recordação de tudo o que sucedeu e quando a senhora começa a perguntar como teria sido o desastre, no silêncio do seu desespero, sinto-me de nôvo na asfixia.

Tenhamos calma e resignação. O que passou foi a lei a cumprir-se. Pode crer que nossas reuniões e preces funcionaram. Quando vi que nós todos afundávamos no rio

sem esperança na terra, apareceu em mim a esperança da grande vida e entreguei-me à vontade de Deus, confor-

mado. Notei que companheiros me agarravam como a me pedirem socorro para voltar à tona, no entanto, mamãe, embora não pudesse falar, eu pensava... Pensava que Deus não dá pedras aos filhos que pedem pão, que a Providência Divina só faz o bem... Recordei as conversações do papai e o carinho da senhora e fiz, no fundo da alma, a prece derradeira do corpo... Não havia tempo para chorar. Senti-me sufocado, mas pouco a pouco, notei que mãos amigas me davam passes de leve e dormi.

Não tenho noção do acidente como desejaria, mas estou informado de que saberei tudo quando estiver mais sereno. Asseguro, porém, que ninguém teve culpa, Nem nosso motorista amigo, nem nosso Genésio, mamãe, nada fizeram que pudesse provocar a situação.

Foi a dívida do passado que surgiu na máquina em movimento. Mais tarde conversaremos nisso. Ainda tenho a cabeça dolorida e só venho até aqui, trazido pelo senhor Schutel, que me acolheu, para rogar à senhora calma e oração.

Pelo amor de Deus, mãezinha, não chore mais, nem pense que será melhor morrer para encontrar-nos. Estaremos juntos no serviço da nossa fé. É preciso reconhecer isso. Osmir, Beni e Marlene ao lado de papai precisam muito de seu carinho na Terra. E eu não estarei longe.

Tudo que a senhora puder fazer para auxiliar os meninos necessitados, faça com amor e devotamento. Ajude, mamãe, a compreensão de todos os nossos amigos em Rio Preto. Se eu puder pedir alguma coisa rogo para que o nosso motorista seja desculpado. Tenho visto alguns dos meus companheiros e todos os que tenho visto rogam a mesma coisa. Vamos todos orar pedindo a Deus compreensão e coragem. Senhor Schutel, vovó Mariquinha e D. Mariquinha Perche estão me ajudando, pois ainda estou assim como um doente precisando recuperar-se: Estou bem, somente aflito com sua aflição. Peço à senhora agradecer às nossas bondosas amigas D. Clementina, Carlito e Tia Dulce Zacarias as orações com que tanto me confortaram.

Hoje não posso escrever mais. Senhor Schutel pede para eu encerrar esta carta que êle me auxiliou a escrever. Para a senhora, mamãe, para o querido papai e todos os nossos o coração carinhoso e reconhecido do seu filho que lhe pede paz e confiança em Deus,

WILLIAM(**)

(**) William José Guagliardi. A mensagem foi psicografada na noite de 14-11-60, em Uberaba, dirigida à D. Walkyria Zaccarias Guagliardi, a progenitora de William.

WALTER, VÍTIMA DE BRUTAL ATENTADO, REGRESSA DO ALÉM...

Menica e Conceição,(*)

Deus nos abençoe e nos ampare. E vocês ainda se lamentam e ainda choram por dentro o que aconteceu. Não pensem mais nisso. O sucedido estava previsto. Não sei se vocês recordam o aviso que me foi concedido. Um sonho que não foi sonho. Devia e resgatei. O passado chamou e respondi "presente". Digo-lhes que não foi fácil submeter-me aos braços que me exterminaram o corpo. A princípio, a dor da reação, o brio ferido e, depois, a revolta, o sofrimento... Mas, em seguida o repouso, o olhar que revia muitos dos nossos, inclusive vovó; nosso Antônio Juvenal e tanta gente que me pedia recordasse Jesus. Jesus era puro e sofreu. Que restava a mim, espírito endividado, senão rezoijar-me com a oportunidade de saldar velhas contas? Ouvimos no mundo a verdade chamando, chamando... E, quase sempre, acreditamos que a provação chega apenas para os outros. Descuidamo-nos. Deixamos o tempo correr, sem que nos preparemos devidamente, quando podíamos aprender e fazer tanto. Bem, mas a hora não é para lamentar o irremediável. Estou sustentado por vários amigos para dizer-lhes que o apoio à mamãe é o meu primeiro esforço. Compreendo. Nosso anjo do lar está quase aqui conosco, no entanto, a opinião dos médicos deve ser respeitada. Ainda assim, creio que ela deva ser preparada, a pouco e pouco, se isso ainda fôr possível, porque vocês sabem as paradas cardíacas são problemas que não conseguimos resolver, quando a mente já se mostre cansada, inquieta, desanimada, abatida... Não vejo nossa benfeitora da vida, nossa estrêla do coração, desde a semana passada, mas se

(*) Benhoran da capital paulista presentes à reunião pública de uma noite de 1960, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba.